



O QUE PODE O CINEMA NA EDUCAÇÃO?

¿QUÉ PUEDE HACER EL CINE EN LA EDUCACIÓN?

WHAT CAN CINEMA DO IN EDUCATION?

*Ana Lúcia Goulart Pereira*¹

*Martha Giudice Narvaz*²

*Caroline Silva da Luz*³

RESUMO

A presente pesquisa objetiva discutir a contribuição do cinema à educação, por meio de um programa de extensão desenvolvido na unidade Alegrete da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, no período compreendido entre os anos de 2014 e 2019. Entendemos o cinema não apenas como ferramenta didático-pedagógica, mas também como mecanismo que tem a potência de desacomodar o pensamento e engendrar resistência aos saberes instituídos. O método escolhido foi o estudo de caso, descritivo-exploratório, de abordagem qualitativa, envolvendo análise documental e questionário. Os dados foram analisados a partir de perspectivas teóricas que pensam o cinema na educação e os resultados apontaram para a avaliação positiva do programa. Por fim, é possível concluir que o cinema tanto se consolida como ferramenta didático-pedagógica quanto como dispositivo de mobilização de afetos e de sensibilidades para se inventarem outros modos de vida.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema. Educação. Práticas Pedagógicas. Resistência.

RESUMEN

¹ Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. UERGS, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

² Pós-doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. UERGS, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

³ Especialização em Teoria e Prática na Formação do Leitor pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. UERGS, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

Esta investigación tiene como objetivo discutir la contribución del cine a la educación a través del programa de extensión desarrollado en la unidad Alegrete de la Universidad del Estado de Rio Grande do Sul, en el período comprendido entre 2014 y 2019. Entendemos el cine no solo como un herramienta didáctico-pedagógica, sino también como mecanismo que tiene el poder de desestabilizar el pensamiento y producir resistencia al conocimiento instituido. El método elegido fue el estudio de caso, descriptivo-exploratorio, con enfoque cualitativo, involucrando el análisis de documentos y un cuestionario. Los datos fueron analizados desde perspectivas teóricas que piensan el cine en la educación y los resultados apuntaron para una evaluación positiva del programa. Finalmente, es posible concluir que el cine se consolida tanto como herramienta didáctico-pedagógica como dispositivo de movilización de afectos y sensibilidades para inventar otras formas de vida.

PALABRAS-CLAVE: Cine. Educación. Prácticas pedagógicas. Resistencia.

ABSTRACT

This research aims to discuss the contribution of cinema to education through the outreach program, developed at the Alegrete unit of the State University of Rio Grande do Sul, in the period between 2014 and 2019. We understand cinema not only as a didactic-pedagogical tool, but also as a mechanism that has the power to unsettle thought and produce resistance to institute knowledge. The method chosen was the case study, descriptive-exploratory, with a qualitative approach, involving document analysis and a questionnaire. The data were analyzed from theoretical perspectives that think about cinema in education and the results pointed to a positive evaluation of the program. Finally, it is possible to conclude that cinema is both consolidated as a didactic-pedagogical tool and as a device for mobilizing affections and sensibilities to invent other ways of life.

KEYWORDS: Até 4 palavras-chave, separadas por ponto.

* * *

O cinema possui apenas um personagem: o pensamento.

Gilles Deleuze

Introdução

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Lei nº 93.940/1996, a educação é um processo complexo e amplo que abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas mais diversas manifestações culturais (BRASIL, 1996). Educação, do latim *educare*, significa guiar, instruir, conduzir, ou seja, preparar as pessoas para o mundo e para a vida em sociedade. Deste modo, “cabe à educação formal organizar estratégias didáticas para que os indivíduos possam adquirir conhecimentos essenciais

para a sobrevivência em sociedade e, assim, reformular a forma humana de entender o mundo” (BRANDÃO, 2013, p. 10).

Mas de qual mundo, de qual sociedade, de qual educação estamos falando? Cabe (re)lembrar que a tradição escravocrata, racista, sexista, classista e colonialista da civilização ocidental, vem imprimindo valores à humanidade há séculos, cujo efeito é o engendramento de diversas formas de desigualdades e violências. Alguns sujeitos têm sido considerados mais humanos do que outros: brancos em detrimento dos negros e/ou de cor, ricos em detrimento dos pobres, homens em detrimento das mulheres, heterossexuais em detrimento de sujeitos que vivem as suas sexualidades de outras formas que não as heteronormativas. Essa triste realidade, permeada por diversas formas de violação de direitos, pode ser observada na sociedade brasileira: somos o país que mais mata ativistas de direitos humanos, travestis e transexuais no mundo, jovens negros das periferias, mulheres e crianças, sobretudo, negras e pobres (NARVAZ, 2021). Estes outros, racializados, desqualificados, destituídos de humanidade, são as principais vítimas de violência policial (sobretudo homens negros e jovens), de estupros e de feminicídios (mulheres negras) e são também a maioria das pessoas privadas de liberdade (homens negros) (FBSP, 2023).

Além disso, observamos o crescimento da pobreza e a degradação do meio ambiente, da intolerância étnico-racial, religiosa, cultural, geracional, territorial, físico-individual, de gênero, de orientação sexual, de nacionalidade, de opção política, dentre outras, como revelam as discriminações a imigrantes, refugiados e asilados em todo o mundo (NARVAZ, 2021). Dados compilados no Atlas da Violência, de 2019, apontam que 66% das mulheres assassinadas no Brasil eram negras. O risco relativo de uma mulher negra ser vítima de homicídio é 1,7 vezes maior do que o de uma mulher não negra. Isso significa que, para cada mulher não negra morta, morrem quase 2 mulheres negras. Em 2018, a cada duas horas uma mulher foi assassinada no Brasil, totalizando 4.519 vítimas. Embora este número tenha reduzido 8,4% entre 2017 e 2018, isto incidiu apenas sobre mulheres não negras. Se, entre 2017 e 2018, houve uma queda de 12,3% nos feminicídios de mulheres não negras, entre as mulheres negras essa redução foi de apenas 7,2%. Analisando-se o período entre 2008 e 2018, essa diferença fica ainda mais evidente: enquanto a taxa de homicídios de mulheres não negras caiu 11,7%, a taxa entre as mulheres negras aumentou 12,4% (IPEA, 2019).

Vivemos, portanto, num país que não pode mais esconder-se sob o mito da democracia racial. Precisamos reconhecer nossa tradição colonialista – racista e sexista -

para esboçar estratégias adequadas ao enfrentamento dessas matrizes que são estruturais na realidade brasileira, produtoras de diversas desigualdades e violências. Inscreve-se aqui o papel da educação como dispositivo na luta pela construção de uma educação antirracista e antixista, na direção da justiça social e de uma sociedade verdadeiramente plural e democrática (NARVAZ, 2021).

Diante deste cenário, a educação tem importante papel a desempenhar no sentido de dar visibilidade a essas diversas formas de violências para, então engendrar estratégias de enfrentamento e resistência à lógica colonial-capitalística-mortífera (FUGANTI, 2021) produtora de diversas formas de violação de direitos humanos. Direitos Humanos abarcam direitos inerentes a todos os seres humanos, independente de raça, sexo, sexualidade, nacionalidade, etnia, idioma, religião ou qualquer outra condição, e incluem o direito à vida e à liberdade: à liberdade de opinião e de expressão, o direito ao trabalho e à educação, dentre outros (NARVAZ, 2021). Direitos Humanos são entendidos aqui, como dispositivo de mediação para a construção de um projeto alternativo de sociedade, comprometido com a transformação social, envolvendo a conquista de direitos econômicos e sociais para a viabilização de direitos civis e políticos na perspectiva da afirmação da dignidade humana (CANDAU, 2000; PIOVESAN, 2019) e de todas as formas de vida (VIVEIROS DE CASTRO, 2015).

É preciso interrogar: que sociedade pretendemos construir, que conhecimentos pretendemos veicular, que docência queremos praticar? Para tanto, há que se trazer para o debate educacional diferentes temas que instiguem à formação de novas sensibilidades capazes de fazer o enfrentamento às práticas classistas, racistas e heterossexistas naturalizadas em nossa organização social, que se constituem em violações de direitos humanos. Uma das estratégias possíveis para dar visibilidade, denunciar e engendrar formas de resistência à lógica colonial-capitalística dominante, produtora de diversas formas de violências estruturais, institucionais e simbólicas associadas a gênero, sexualidades, corporalidades, racismo e diversidades, entre outras, é o cinema.

Na perspectiva do cinema de resistência, o presente trabalho apresenta reflexões⁴ a partir da pesquisa de Ana Lúcia Goulart Pereira (2021), que avalia a contribuição do Cinema à Educação em Direitos Humanos por meio de um Programa de Extensão intitulado Cinedebate Uergs. O Programa foi desenvolvido na Unidade Universitária de

⁴ As reflexões aqui trazidas ampliam as perspectivas originalmente trazidas pela pesquisa (PEREIRA, 2021) a partir das discussões empreendidas no âmbito do Grupo de Pesquisa Gênero e Diversidades, das quais as autoras deste artigo fazem parte.

Alegrete da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs), no período compreendido entre os anos de 2014 e 2019.

Educação em Direitos Humanos

A Educação em Direitos Humanos está prevista em diversas normativas da educação brasileira. Atendendo às recomendações internacionais da Organização das Nações Unidas (ONU), o I Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (PNEDH) foi publicado no Brasil em 2006⁵ e propõe a construção de uma cultura de Direitos Humanos que contribua para o aperfeiçoamento do Estado Democrático de Direito por meio de ações que incluam, entre outras, a Educação Básica e a Educação Superior. Especificamente, em relação à Educação Superior, o PNEDH estabelece que: a) a universidade deve estar comprometida com a construção da democracia e a cidadania; b) os preceitos de liberdade, igualdade e justiça devem guiar as ações universitárias; c) a EDH deve ser uma prática permanente, contínua e global da universidade, voltada à transformação da sociedade; d) a EDH deve ser o princípio ético-político orientador da formulação da prática das instituições de ensino superior (IES); e) as atividades acadêmicas devem estar voltadas para a criação de uma cultura da universalidade, indivisibilidade e interdependência dos Direitos Humanos, como tema transversal e transdisciplinar; f) ensino, pesquisa e extensão devem ser indissociáveis em todas as áreas do conhecimento; g) deve haver compromisso com a construção de uma cultura do respeito à diversidade nas relações com movimentos e entidades sociais, além de grupos em situação de exclusão ou discriminação; h) a participação das IES na formação de agentes sociais de EDH e na avaliação do processo de implementação do PNEDH deve ser permanente (BRASIL, 2017).

Em 2012, o Ministério da Educação e Cultura (MEC) aprovou as Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos (DNEDH) (BRASIL, 2013), tendo como princípios a dignidade humana, a igualdade de direitos, o reconhecimento e a valorização das diversidades, a laicidade do Estado, a democracia na educação e a sustentabilidade socioambiental. As DNEDH entendem que a educação deve estar a serviço da transformação social, sobretudo no que tange ao empoderamento de grupos

⁵ O PNDH I, atualizado em 2002, incorporou os direitos econômicos, sociais e culturais em suas diretrizes, configurando o segundo Programa Nacional de Direitos Humanos – PNDH II. A terceira versão do PNDH — PNDH III foi lançada em dezembro de 2009 (NARVAZ, 2021).

marginalizados e excluídos. Enfatizam ainda que as metodologias de ensino, desde a Educação Básica, devem oportunizar a participação direta dos(as) estudantes na discussão de questões relacionadas à vida de suas comunidades locais, com metodologias ativas, participativas e problematizadoras das realidades vividas. As diretrizes propõem, inclusive, ações a serem implementadas pelas IES a fim de formar cidadãos e cidadãs éticos(as) e comprometidos(as) com a defesa dos Direitos Humanos. Contudo, o que se observa é a precariedade da formação de profissionais nas diferentes áreas de conhecimento, de conteúdos e metodologias fundados na EDH (NARVAZ, 2021; NARVAZ et al, 2019).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2017) é referência para a reformulação dos currículos escolares e dos processos nacionais de avaliação na Educação Básica. Ela estabelece dez competências gerais ao tratamento didático proposto para a Educação Infantil e Ensino Fundamental, dentre elas: 1) exercitar a empatia, o diálogo, a cooperação, o respeito mútuo, os Direitos Humanos, a diversidade de indivíduos e grupos sociais, os diferentes saberes, as identidades, culturas e potencialidades humanas, livre de preconceitos de qualquer natureza e; 2) agir como indivíduos ou grupos com ética, autonomia, responsabilidade, flexibilidade e determinação, pautados por princípios democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários. A BNCC prevê em seu escopo Temas Contemporâneos Transversais, considerando, para além da dimensão cognitiva, as dimensões política, ética e estética na formação de estudantes nas diferentes etapas da Educação Básica, quais sejam: 1) consumo e educação financeira; 2) ética, Direitos Humanos e cidadania e; 3) sustentabilidade: tecnologias digitais, culturas africanas e indígenas (BRASIL, 2017). No Rio Grande do Sul, o Plano Estadual de Educação (PEE) foi instituído pela Lei nº 14.705/2015 (RIO GRANDE DO SUL, 2015). Ele tem como diretrizes: a superação das desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação; a valorização dos(as) profissionais da educação; a promoção dos princípios do respeito aos Direitos Humanos, à diversidade e à sustentabilidade socioambiental, à orientação sexual e às escolhas religiosas; o combate ao racismo e a todas as formas de preconceito (NARVAZ, 2021).

Diante do exposto, a Educação em Direitos Humanos, tendo como premissa a valorização de diferentes culturas e da dignidade humana, deve promover processos educativos capazes de formar sujeitos de direitos críticos à realidade social que se apresenta. Inscreve-se aqui a contribuição do cinema à educação, tópico desenvolvido a

seguir.

Cinema e Educação

O impacto do uso de mídias digitais e audiovisuais com ênfase no uso do cinema no processo de ensino-aprendizagem tem sido objeto de diversos estudos (CARMO, 2023; LOURO, 2000, 2017; PRADO, 2019; SILVA, 2021). Em geral, estes trabalhos versam sobre cinema e educação ou cinema na educação, entendendo o cinema como ferramenta didático-pedagógica que favorece os processos de ensino e aprendizagem dos conteúdos escolares. O cinema é aí concebido como “ferramenta de trabalho motivadora, inovadora bem como instrumento capaz de abranger várias disciplinas e conteúdos programáticos num mesmo momento” (PRADO, 2019, p.6), O filme, além da fruição, do prazer e do entretenimento, é uma mídia educativa que pode facilitar a aprendizagem, servindo tanto para apresentar conteúdos quanto para trabalhar conceitos e demonstrar experiências (ARAÚJO, 1987; DUARTE, 2002; PRADO, 2019; SILVA, 2019). O cinema nos possibilita construir várias interpretações, relembrar vivências, realizar diálogos e aprendizagens, tendo “o poder de registrar o presente e contar histórias de diferentes formas [...] como testemunho do presente e do passado, numa construção de memórias, das visões de mundo, das identidades e das ideologias” (SILVA, 2019, p. 19). Mesmo sendo ficção, os filmes oportunizam conhecer histórias, culturas de diferentes povos, pensar a realidade de outros modos e ampliar a compreensão de determinados temas. A utilização de diversas mídias, dentre elas as imagens fílmicas, como imagens em movimento, é de grande valia no sentido de instrumentalizar a leitura visual dos conteúdos de forma crítica.

Por isso, levar a mídia cinematográfica até as escolas é de grande relevância, além de ser um desafio para nós professores que poderemos intervir de forma positiva na interpretação das imagens veiculadas pelos meios de comunicação, fazendo com que o aluno seja um espectador mais crítico e exigente a respeito do que a mídia produz. (PRADO, 2019, p. 02).

A concepção do cinema como ferramenta didático-pedagógica entende que o papel do(a) docente, sendo um(a) mediador(a) dos processos de ensino-aprendizagem, não seria o de um mero transmissor de conhecimentos, mas sim um instigador e um problematizador da realidade (SANCEVERINO, 2016). Trabalhar com filmes na prática pedagógica proporciona focar os aspectos culturais, históricos, literários e políticos de

uma determinada questão, questionando verdades instituídas. Segundo Prado (2019, p. 01) “o cinema é um meio de comunicação que tem poder criativo, de curiosidade e pesquisa científica, pois além de divertir e entreter influencia no modo como enxergamos o mundo”. O uso do cinema em sala permite ainda “aproximar os conteúdos escolares do(as) aluno(as), facilitando a compreensão de temáticas; oportunizar uma visão mais ampla de mundo; desenvolver a imaginação e abrir espaço para debates e comparações com o que foi dito em aula” (PRADO, 2019, p. 02). O cinema pode ser utilizado em sala de aula de diversas formas. Conforme Lanza (2015, p. 19),

[...] observa-se que o cinema é usado na sala de aula como ilustração de conteúdo das disciplinas e com o objetivo de provocar uma reflexão, uma análise a partir do filme. Assim, ora o cinema é utilizado para se fazer uma análise sociocultural de algum aspecto focalizado no filme ou para analisar o comportamento de um personagem, como, por exemplo, promover uma reflexão sobre a questão de gênero, estimulando o olhar dos alunos sobre as relações de gênero e sexualidade no intuito de se perceber a visão de mundo e suas relações socioculturais. Ora, o cinema é utilizado em sua função educativa e formativa; ou simplesmente como recurso didático, com o intuito de verificar sua eficiência dentro do processo de ensino-aprendizagem e importância da inserção de tecnologia audiovisual no âmbito escolar. É utilizado ainda como suporte importante na motivação da apreensão de um conteúdo de forma lúdica, visando despertar no aluno o interesse pela busca de novos saberes.

Há, contudo, críticas a essa concepção do cinema em educação apenas como recurso didático-metodológico. Alexander de Freitas e Karyne Dias Coutinho (2013, p. 478) apontam que essa abordagem busca “ensinar, memorizar, repetir, explicitar, explicar, tornar claro, enfatizar, conceitos, saberes, períodos históricos e movimentos artísticos, culturais e sociais”. Embora o uso do cinema na educação seja, na maioria das vezes, tido como positivo, inovador, diferencial, sensível, crítico e libertário, ele pode igualmente ter função disciplinadora, normalizadora, moralizadora, tal como ocorreu, por exemplo, no uso do cinema para disseminar a moral nazista (FREITAS; COUTINHO, 2013). Há, portanto, diferentes possibilidades de uso do cinema, nem sempre problematizadoras da realidade. Para Carmo (2019), cinéfilos e consumidores de imagens em geral são espectadores passivos. Na realidade, são consumidos pelas imagens. Aprender a ver cinema, educar pelo cinema pressupõe educar o olhar, ensinar a ver diferente, transformar-se de espectador passivo a espectador crítico.

Contudo, ao invés de seguir a tendência dominante de tratar o cinema como mais um recurso didático para o ensino, Rosália Duarte pensa a educação e o cinema como artefatos culturais de socialização dos indivíduos, produzindo saberes, identidades, visões de mundo e subjetividades. Para ela, “ver filmes é uma prática social tão importante, do ponto de vista da formação cultural e educacional das pessoas, quanto à leitura de obras literárias, filosofia, sociológicas e tantas mais” (DUARTE, 2002, p.17). Nessa mesma linha de argumentação, Ismael Xavier (2008, p. 15) sugere que “o cinema que ‘educa’ é o cinema que faz pensar [...]. A questão não é ‘passar conteúdos’, mas provocar a reflexão. Então, para além de dispositivo didático-pedagógico, “O que pode o cinema em educação? Ao invés de doutrinar, abalar; ao invés de adestrar, violentar: o cinema como abalo e violência ao pensamento” (FREITAS; COUTINHO, 2013, p. 485).

Essa outra perspectiva foi desenvolvida pelo filósofo francês Gilles Deleuze (1990), para pensar o cinema a partir de outras possibilidades, quais sejam: 1) uso transgressor para pensar diferentemente; 2) uso visionário para inventar outros mundos possíveis e; 3) uso problematizador da vida contemporânea. O cinema, ao mobilizar afetos a partir das imagens em movimento, é capaz de produzir um choque no pensamento e assim fazer pensar, forçar a pensar. Ao invés de explicar conceitos e facilitar sua assimilação, o cinema pode questioná-los, resistindo às representações dominantes e aos estereótipos que circulam na sociedade, deslocando o pensamento de verdades naturalizadas, fazendo devir outra coisa para se pensar diferente. O cinema, concebido como cinema de resistência, pode estar na contramão de adestrar saberes e normalizar condutas, abrindo brechas para se inventar outras formas possíveis de existência, outros mundos possíveis. Enfim, para Deleuze, o cinema é uma forma de arte que tem o potencial de ampliar a nossa compreensão da realidade, oferecendo novas perspectivas e possibilidades de expressão (DELEUZE, 1990).

O cinema, ao lado de outras manifestações humanas, como a dança, a escultura, a fotografia, a literatura, a música, a pintura e o teatro, também é arte. Os critérios para a definição do que é arte não são consensuais. Pode-se dizer em relação à arte que:

Seu domínio é o do não-racional, do indizível, da sensibilidade: domínio sem fronteiras nítidas, muito diferente do mundo da ciência, da lógica, da teoria. Domínio fecundo, pois nosso contato com a arte nos transforma. Porque o objeto artístico traz em si, habilmente organizados, os meios de despertar em nós, em nossas emoções e razão, reações culturalmente ricas, que aguçam os instrumentos dos

quais nos servimos para apreender o mundo que nos rodeia. [...]. Ela não explica, mas tem o poder de nos "fazer sentir". [...]. A arte constrói, com elementos extraídos do mundo sensível, um outro mundo, fecundo em ambiguidades. (COLI, 1995, p. 109-111).

Para Gilles Deleuze e Félix Guattari (1992), a arte não é representação da realidade, mas sim um meio de criar novas realidades e modos de pensamento. A arte é processo de criação que envolve a produção de novos conceitos e de formas de pensar. A arte pode quebrar as convenções e categorias estabelecidas, criando novas maneiras de perceber e experimentar o mundo, de explorar o desconhecido e de estender os limites da experiência humana. Importante aqui o conceito de devir, que se refere a um processo de contágio e transformação contínua. Na arte, o devir é processo de experimentação constante. Em suma, a arte é uma forma de criar novos conceitos e modos de pensar, processo de experimentação que quebra as convenções e estende os limites da experiência humana (DELEUZE; GUATTARI, 1992).

Segundo Deleuze (1990), o cinema é uma forma de arte que oferece possibilidades únicas de expressão, capaz de ampliar nossa percepção da realidade. Sua teoria do cinema postula que cada filme é uma 'imagem-movimento', sequência de imagens que se sucedem para criar um sentido narrativo. O cinema é capaz de capturar a dinâmica do movimento e do tempo de uma forma que outras artes não conseguem. O cinema pode nos ajudar a ver o mundo de outra maneira. Os filmes têm o poder de criar novas conexões entre ideias e sensações que nos fazem questionar nossas concepções sobre a realidade (DELEUZE, 1990), daí sua relevância na educação que problematiza a realidade da violação dos direitos humanos. Pensar com o cinema, com o cinema de resistência, a partir das diretrizes da Educação em Direitos Humanos, foi a proposta desenvolvida pelo Programa Cinedebate Uergs, que constituiu-se objeto da presente investigação, apresentada a seguir.

Procedimentos Metodológicos

A presente pesquisa — qualitativa, exploratória, bibliográfica e documental — organizou-se na forma de estudo de caso. A abordagem qualitativa valoriza a experiência subjetiva e a reflexão sobre ela (MINAYO, 2000). A pesquisa exploratória é uma primeira aproximação a um campo a ser explorado, em seu ambiente natural, envolvendo a compreensão de uma questão de relevância política e social investigada de forma exploratória a partir de fontes oficiais. Este tipo de pesquisa tem como objetivo

proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses envolvendo, em geral, levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado e exemplos de situações acerca da temática em questão (GIL, 2007).

O estudo de caso, por sua vez, busca compreender de forma aprofundada uma entidade, um programa, um sistema educativo ou uma instituição. Pode decorrer de uma perspectiva interpretativa que procura compreender como é o mundo do ponto de vista dos(as) participantes. Já a pesquisa documental recorre a fontes diversificadas e dispersas de material, sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão, entre outros (FONSECA, 2002).

O objetivo geral do estudo foi discutir a contribuição do cinema à educação como forma de problematização e de resistência aos saberes dominantes, articulada à Educação em Direitos Humanos, por meio da análise do programa de extensão Cinedebate Uergs, desenvolvido na unidade Alegrete. Os objetivos específicos foram: 1) investigar a percepção das participantes, da bolsista e da coordenadora acerca do programa de extensão; e; 2) analisar o referido programa no que tange à sua contribuição à Educação em Direitos Humanos a partir do uso do cinema.

As participantes da pesquisa foram escolhidas por conveniência, dentre as quais funcionárias, docentes, estudantes, bolsistas bem como a coordenadora da ação de extensão. O critério de inclusão foi a participação em alguma das sessões de cinema do referido Programa. Os instrumentos para a coleta dos dados foram: 1) registros das ações do referido programa de extensão, disponibilizados pela coordenadora, a partir dos quais foram organizadas as informações acerca dos filmes exibidos e das frequências de participação da comunidade; e, 2) questionário com as respostas acerca das avaliações dos(as) participantes sobre o programa de extensão. Segundo Gil, (1999, p. 28) o questionário “[...] tem por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”.

Os procedimentos envolveram o contato inicial com a coordenadora do Programa para solicitar documentos, tais como as proposições das referidas ações e relatório de finalização das mesmas, bem como para explicitar a proposta e os objetivos da pesquisa. Elaborado o questionário, o mesmo foi enviado via e-mail para as funcionárias, docentes e discentes do Curso de Pedagogia da unidade Alegrete da Uergs, solicitando-se o preenchimento àquelas que participaram de alguma das referidas ações

de extensão. Foram enviados e-mails a todas as quatro turmas do curso de Pedagogia vigentes na ocasião, totalizando, juntamente com os e-mails enviados às funcionárias e docentes, 120 pessoas. Contudo, talvez por se tratar de um e-mail enviado em tempos de ensino remoto e em período de recesso das aulas, retornaram apenas 12 questionários respondidos. Os doze questionários recebidos, conjuntamente com a análise dos documentos, constituíram o *corpus* da investigação, que foi analisada com base no referencial teórico acerca do uso do cinema na educação e na Educação em Direitos Humanos.

A pesquisa atendeu às questões éticas, mantendo o sigilo quanto à identificação dos(as) participantes, utilizando-se pseudônimo de letra P (de participantes), independentemente da sua inscrição (docente, discente, bolsista, coordenadora ou funcionária). O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido também foi enviado via e-mail.

Resultados

Neste tópico são apresentados os resultados da pesquisa que incluem os registros das ações do programa de extensão Cinedebate Uergs e as respostas dos(as) participantes ao questionário enviado a fim de responder aos objetivos da investigação.

A Uergs é uma instituição de ensino superior pública, mantida pelo governo do estado do Rio Grande do Sul, no Brasil. Foi criada em 2001, tendo como missão oferecer educação superior de qualidade para as diversas regiões do estado. Conta com cerca de 300 docentes e 6.000 estudantes. Presente em 22 municípios gaúchos, dentre eles, Alegrete, ministra Cursos de Graduação e Pós-graduação em três áreas do conhecimento: Ciências Humanas, Ciências Exatas e Engenharias, Ciências da Vida e Meio Ambiente. Na atualidade, a Uergs oferece 20 Cursos de Graduação, 10 Cursos de Especialização, 5 Mestrados e, recentemente, foi aprovada a proposta de 1 Curso de Doutorado em Educação na Unidade de Osório/Litoral Norte (Uergs, 2023).

O Programa de Extensão Cinedebate Uergs foi instituído em 2014 na unidade universitária da Uergs em Alegrete, tendo sido interrompido em 2019 por ocasião da pandemia de COVID-19. Foram exibidos, em datas previamente divulgadas, acompanhando o semestre letivo, filmes a partir dos quais foram problematizadas questões de gênero e sexualidade, maternidades, feminino, masculinidades, transexualidade, racismo, desigualdades econômicas e sociais, guerra, imigração,

questões ambientais, história da filosofia e da psicanálise, modos de subjetivação, entre outras. Após a exibição dos filmes, realizaram-se mesas redondas com debatedores(as) convidados(as), sendo escolhidas lideranças da comunidade acadêmica e social de Alegrete bem como docentes da própria unidade Alegrete, para compor a mesa e fazer as análises. Cada evento esteve articulado, de forma transversal e interdisciplinar, a diferentes planos de ensino dos componentes curriculares do curso de Pedagogia: Licenciatura das turmas participantes, integrando, inclusive, atividades avaliativas na forma de resenhas críticas previstas por componentes curriculares tais como: Antropologia e Educação; Sociologia e Educação; Educação, Ética e Direitos Humanos; Educação e Corporeidade; Psicologia e Educação; Filosofia e Educação e Sexualidade na Infância (Uergs, 2021), entre outros. As atividades e convites foram amplamente divulgados junto à comunidade acadêmica e social por meio das mídias sociais, dentre elas, nas páginas da Uergs Institucional⁶ e página do Programa no Facebook⁷. Os registros das ações do referido programa, com os filmes selecionados, foram organizados no Quadro 1.

QUADRO 1: Cinedebate UERGS (2014 — 2019)

no	Título da Ação de Extensão	Filmes exibidos
014	Cinedebate I Para pensar diferentes modos de vida ao longo da história	A árvore dos Tamancos ¹ Guerra do Fogo ² Tróia ³ Alexandre ⁴ O nome da Rosa ⁵
015	Cinedebate II Educação, Violência e Resistência	Preciosa ⁶ Histórias Cruzadas ⁷ Laranja Mecânica ⁸ Freud, Além da Alma ⁹
016	Cinedebate III Cinema e Educação em Direitos Humanos	As Sufragistas ¹⁰ Mil Vezes Boa noite ¹¹ Uma Boa Mentira ¹² Que Horas Ela Volta? ¹³ Capitão Fantástico ¹⁴
017	Cinedebate IV Invenções do Feminino em Almodóvar	Tudo Sobre Minha Mãe ¹⁵ Ata-me ¹⁶ Má Educação ¹⁷ A flor do Meu Segredo ¹⁸ A Pele Que Habito ¹⁹

⁶ Disponível em: <https://www.uergs.edu.br/serie-de-cinedebates-discutem-temas-da-atualidade-na-uergs-em-alegrete>. Acesso em: 15 mai. 2023.

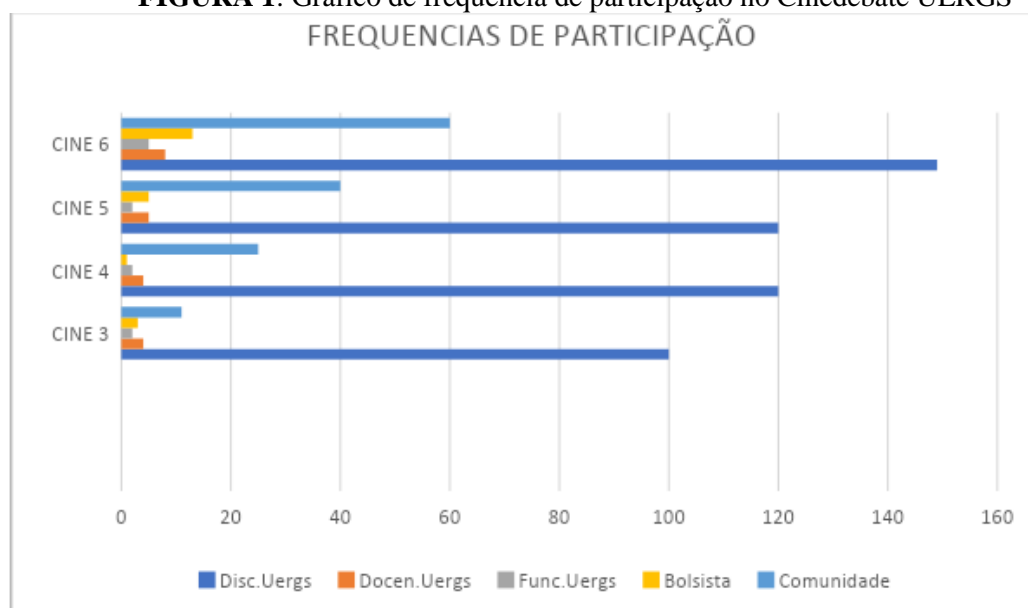
⁷ Disponível em: <https://m.facebook.com/people/Pedagogias-da-Igualdade/100057538904734/>. Acesso em: 15 mai. 2023.

018	Cinedebate V Cinema e Filosofia para desacomodar o pensamento	O Jovem Karl Marx ²⁰ Lou Andreas-Salomé ²¹ O Sal da Terra ²²
019	Cinedebate VI Para pensar o contemporâneo: Cinema e Diversidade	A Forma da Água ²³ Blade Runner 2049 ²⁴ Pantera Negra ²⁵ Precisamos Falar Sobre Kevin ²⁶
019	Cinedebate Kids UERGS e PIBID vão ao cinema: Problematizando os scripts de gênero	Moana ²⁷ O Touro Ferdinando ²⁸

Fonte: Elaborado pelas autoras.

As frequências de participação nas atividades estão organizadas na Figura 1. Os registros anteriores a 2016 não foram computados em função da dificuldade de acesso ao material físico por ocasião da pandemia de Covid-19.

FIGURA 1: Gráfico de frequência de participação no Cinedebate UERGS



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Aqui são apresentadas as respostas ao questionário (ver Apêndice A) recebidas por e-mail dos(as) participantes da pesquisa. Para preservar suas identificações, foram designados(as) como P1, P2, P3, P4, P5, P6, P7, P8, P9, P10, P11 e P12, sem discriminar suas atribuições na universidade, ou seja, foram incluídas aqui todas as respostas na íntegra, sejam das discentes, docentes, bolsistas, coordenadora e pessoal técnico-administrativo. Mantivemos a escrita original tal como recebidas.

P1: A experiência com Cinedebate nos permite problematizar a produção cinematográfica favorecendo e aproximando o cinema com a escola promovendo o encontro dos alunos com diferentes experiências estéticas, provocar dúvidas, questionamentos colocando em xeque o lugar comum, os padrões socioculturais, as identidades fixas. O cinema por se apresentar como um grande território nos permite escolhas, a partir de um filme podemos ser outro, viver em outro lugar ou pertencer a outra cultura. Os Cinedebate promovidos pela Uergs nos remetem a uma nova perspectiva, de ver e entender o sentido da obra e foi em um desses Cinedebate que assisti e partindo do olhar crítico pude entender e até mesmo gostar do filme que antes havia assistido e não tinha gostado, por isso consideram-se de fundamental importância os Cinedebate em escolas, universidades e até mesmo em espaços não escolares, pois propiciam momentos de integração e troca de conhecimentos, compartilhamos experiências, sentimentos, também informações, curiosidades construindo conhecimentos interdisciplinar em um espaço privilegiado desenvolvendo nossa capacidade crítica em torno das questões éticas, políticas e sociais permeando a atuação profissional.

P2: O cinema como forma de ferramenta pedagógica traz reflexão e aprendizado sobre os temas propostos, unidos à excelência de assistir à crítica e à explanação dos debatedores, se comprovou eficaz como ferramenta educacional pedagógica.

P3: Participei de vários Cinedebate na Uergs e em minha opinião os filmes ainda trazem um grande vínculo com a realidade dos processos históricos vivenciados na nossa época, sobretudo em relação a nossa história cultural. Nesse sentido, o cinema ainda faz parte das representações artísticas envolvendo não só a sociedade, mas também os indivíduos que fazem parte de um determinado grupo, país ou região. Pode-se dizer que os filmes têm uma grande contribuição na parte do processo de formação individual ou coletiva porque trazem a realidade misturada com a fantasia nos fazendo vivenciar em seu contexto os acontecimentos relacionados a uma determinada época nos fazendo refletir, questionar e até mesmo chegar ao nosso ponto de vista sobre um determinado assunto. Embora tenha assistido a muitos filmes, alguns me marcaram muito, entre eles Pantera Negra e Histórias Cruzadas. Embora algumas pessoas achassem que o racismo existia apenas em épocas passadas, estão totalmente enganadas. O racismo ainda existe, os filmes me fizeram refletir sobre isso, a enxergar a triste realidade vivida pelos negros na atualidade. Sendo assim é de grande importância as escolas trabalharem sempre com os filmes, pois eles ensinam as pessoas a refletirem sobre os acontecimentos ou até mesmo sobre si mesmos.

P4: Nos dias atuais, temos no Cinedebate um espaço para expressar nossos desejos em relação a sociedade atual expandindo assim nossas ideias e anseios para um mundo melhor, com menos desigualdade e mais humanidade. O Cinedebate que mais ficou gravado foi do filme Pantera Negra, vi uma cultura diferente onde a mulher tinha um papel em destaque, valorizada pela cultura presente no filme.

P5: Considerando qualquer forma de arte como grande auxiliar no aprendizado de alguém, os filmes que assisti no Cinedebate foram muito importantes, até por diversidade. Os filmes do Almodóvar e outros que assistimos foram muito bem escolhidos e representam o veio "cult" e nos incitam a conhecer outros do tipo. Muitos filmes se não fosse o Cinedebate eu nunca iria conhecer. Uma opinião pessoal é de que o filme "Pantera Negra" não trouxe o mesmo interesse. Filmes de ficção não me atraem. No entanto, ouvi vários elogios dos colegas durante os debates. Falando neles, achei bastante esclarecedor conversarmos ao final de cada filme!

P6: A primeira vez em que ouvi falar de Sebastião Salgado foi no Cinedebate. O filme Sal da Terra foi pesado, denso, em algumas partes ousou dizer cruel, mas necessário. Precisamos cada vez mais sair das bolhas que criamos e conhecer outros mundos, não tão cor de rosa como

gostaríamos. Além disso, era um momento em que não existia nem professora nem aluno/a, somente espectadores interagindo e dividindo a pipoca. Desejo que muitos Cinedebate ainda aconteçam para que possamos nos reaproximar depois desses dois anos de afastamento necessário em função da Covid-19.

P7: Em resposta a suas questões, posso dizer que acredito que a proposta do Cinedebate foi por meio da ferramenta-filme ter potencial para as discussões contemporâneas sociais e culturais. Discussões essas que tangenciam o campo educacional. Participei como debatedora do filme "Que horas ela volta?". Lembro de ampla participação do grupo de estudantes e colegas da unidade, evidenciando a importância de tal ação para estudantes do Ensino Superior e unidade Alegrete. Para além da questão prazerosa, agradável de assistir a um filme, eles servem como artefato cultural com modos de endereçamento discursivos: mostram contextos culturais e sociais e nos permitem estabelecer criticidade às imagens e aos discursos filmados. Foi e é uma potente possibilidade de aprendizagens e de movimento do pensamento crítico em educação.

P8: Eu participei apenas como público. Sim, com certeza é uma ferramenta pedagógica, muito válida e potente no processo de ensino e aprendizagem, pois pode ir ampliando o olhar do aluno de forma prazerosa, uma forma de conhecer o mundo por meio das fotografias, culturas e modo de vidas de outros povos.

P9: Aprendo muito com filmes, são vivências alheias que geralmente nos trazem uma mensagem positiva ou lição de vida. Porém, infelizmente não assisti a nenhum filme no projeto Cinedebate. Futuramente, participarei, certamente.

P10: O programa foi criado a partir do interesse de integrar a Uergs à comunidade, bem como trazer a arte para a educação, sobretudo o cinema, dada sua potência como ferramenta não apenas didático-pedagógica, mas como produtor de novas sensibilidades, de novas formas de perceber o mundo e de criar outros mundos possíveis. Porque a arte lida com a criação, a invenção e temos que inventar outros modos de vida diante do esgotamento destas formas de vida que temos assistido, em especial no que tange às diversas formas de violação dos Direitos Humanos. Por isso, o cinema pode muito na educação: seja explicitar conceitos, seja mobilizar afetos contra as diversas formas de violação de direitos e, assim, nos convidar a inventar outras formas de (re)existência. A experiência foi muito positiva, minha avaliação é que cumpriu com seus objetivos, tanto que as turmas sempre perguntam e solicitam novas versões do programa, daí passamos a propor, em todos os semestres, uma nova ação de extensão, integrando o ensino da psicologia, da filosofia, da sociologia, da Educação em Direitos Humanos, da educação ambiental, da educação infantil e mesmo às práticas do PIBID, o que culminou com a rica experiência do Cinedebate Kids — quando escolas integrantes do PIBID foram levadas ao auditório da Uergs para assistir filmes com pipoca e refrigerante. Mas tudo isso só foi possível pelo interesse da unidade Alegrete e apoio de toda a comunidade universitária. O papel das bolsistas e do pessoal técnico-administrativo foi fundamental, bem como das demais docentes que integravam às suas programações o espaço para disponibilizar às turmas a possibilidade de assistir e debater os filmes. Também a participação da comunidade alegretense deve ser destacada que participou das ações como debatedores em diversas temáticas. Foi uma experiência de criação coletiva que deve continuar!

P11: O projeto de extensão Cinedebate cumpriu sua tarefa ao ampliar os espaços na argumentação acerca dos Direitos Humanos, como discussão com os docentes, educadores e comunidade, proporcionando conhecimentos, quebra de paradigmas, com a capacidade de formular e desenvolver críticas, reflexão e análise de diversos assuntos sobre Direitos Humanos, sociologia, filosofia e outros. Por isso, o cinema na educação torna-se uma ferramenta pedagógica para ensinar os conceitos e saberes da cultura, uma experiência que eu conduzo na educação infantil e anos iniciais, incentivando os alunos a pensar e refletir sobre o tema desenvolvido através de filmes.

P12: O Cinedebate exerceu uma função como ferramenta pedagógica — sim e podem ajudar na medida em que são escolhidos pensando-se na faixa etária e no que queremos que os alunos aprendam aliando aos conteúdos que são planejados. Na educação, os filmes bem selecionados podem ser excelentes aliados do professor para articular com os conteúdos apresentados.

Discussão

Os resultados apontam para a avaliação predominantemente positiva do programa. O crescimento da participação em todos os segmentos de público ao longo dos anos (de 2014 a 2019) sugere uma boa articulação com a comunidade universitária e social local, ampla divulgação e valorização das atividades previstas. Observou-se a pluralidade de questões e temáticas abordadas ao longo da execução do programa a partir da exibição de filmes clássicos e contemporâneos, envolvendo, todos eles, aspectos articulados à Educação em Direitos Humanos e a vários componentes curriculares do Curso de Pedagogia. Nesse sentido, promover o cinema com a função de estimular à reflexão e ao debate, inscreve-se em uma prática interdisciplinar, conforme a LDB (BRASIL, 1996) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Segundo os PCN, a interdisciplinaridade supõe um eixo integrador que pode ser o objeto de conhecimento, um projeto de investigação, um plano de intervenção (BRASIL, 2002).

No campo da Educação em Direitos Humanos, temos várias temáticas a serem trabalhadas, quer na Educação Básica, quer no Ensino Superior. Dentre elas: 1) a Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010 (BRASIL, 2010), relativa à defesa dos Direitos Humanos e ao combate à discriminação e à intolerância étnica; 2) a Lei nº 10.639/2003 (BRASIL, 2003) e; 3) a Lei nº 11.645/2008 (BRASIL, 2008), que asseguram a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afrobrasileira e Indígena nas escolas públicas e particulares. Estes aspectos podem ser observados a partir da inclusão de diversos filmes que tratam dessa temática no programa Cinedebate Uergs, sendo mencionado por diversos(as) participantes. O filme Pantera Negra, cuja discussão abordou aspectos da diversidade racial e de gênero, ao lado dos filmes de Pedro Almodóvar e do filme Sal da Terra, de Sebastião Salgado, que trata da questão ambiental e de diversas formas de violação de Direitos Humanos e não humanos, foram os mais citados. Depreende-se daí, entre outros possíveis aspectos, o impacto provocado pelas questões alusivas ao racismo e às discriminações de gênero e sexualidade, bem como à temática da degradação ambiental, debates fundamentais na contemporaneidade.

Apesar da pequena amostra obtida a partir dos questionários enviados, evidencia-se a percepção predominante do cinema como ferramenta didático-pedagógica, embora apareça a menção ao cinema como forma de arte capaz de suscitar afetos e novas sensibilidades na invenção de outros modos de vida. Foi unânime a percepção dos(as) entrevistados(as) acerca da validade do uso do cinema no processo de aprendizagem e de reflexão, possibilitando construção de pensamento crítico, o conhecimento de culturas, modos de vida e história. Os resultados apontaram, ainda, a possibilidade do uso do cinema tanto na Educação Básica como no Ensino Superior. Cabe mencionar aqui a experiência do Cinedebate *Kids*, quando foram exibidos os filmes *Moana* e *Touro Ferdinando*, tendo a participação de estudantes da Educação Básica junto à comunidade universitária por meio do Programa de Iniciação à Docência (PIBID), que foi rica, oportunizando integração das escolas à universidade, bem como se pode observar a riqueza da participação crítica das crianças na desconstrução dos aspectos de gênero evocados nos filmes apresentados, atendendo aos objetivos propostos.

Considerações Finais

Buscamos compartilhar aqui possibilidades de pensar modos de educar a partir do cinema de resistência como forma de desacomodar nossas práticas, flertando com a arte do inusitado que a imagem provoca. Acreditando numa educação para a potência, que se afasta das amarras da domesticação de currículos bem comportados, tendo o cinema como dispositivo de mobilização de afetos, podemos desnaturalizar verdades, sobretudo no que tangem às diversas violações de direitos impostas pelas normatizações heterossexistas e colonialistas que se dão ainda hoje sobre os corpos que circulam na escola.

Os resultados aqui encontrados corroboram com a literatura que pensa o cinema para além de ferramenta didático-pedagógica, mas também como forma de arte, contribuindo para a mobilização de sensibilidades no sentido de pensar as violações de direitos humanos por meio dos filmes exibidos e discutidos ao longo do Programa de Extensão, que parece ter atingido seus objetivos. Embora relevante, sobretudo diante da necessidade de a educação se (re)inventar a todo instante, o estudo apresentou limitações: dos cerca de 120 e-mails enviados, obtivemos apenas doze respostas deste montante. Sugerem-se novas investigações, com uma amostra mais ampla, incluindo,

também, a comunidade local que participou das atividades. O número reduzido de retorno pode estar associado à sobrecarga de trabalho on-line por conta do ensino remoto, por isso, a sugestão de novos estudos acerca do que pode o cinema na Educação.

Acreditamos, com Deleuze (1990), que o cinema tem um papel importante na educação, pois oferece novos modos de ver, sentir e pensar o mundo para além da linguagem racional, escrita, oral. Ele não é apenas uma forma de entretenimento, mas também ferramenta educacional poderosa. Deleuze (1990) argumenta que o cinema é capaz de criar um mundo estético próprio, forma de conhecimento diferente da lógica ou da ciência. Enfatiza a importância da experimentação e da criação no cinema, que ele vê como uma forma de ‘pensamento em ação’. Nesse sentido, o cinema pode ajudar a desenvolver a imaginação e a criatividade dos espectadores/alunos, o que tem impacto positivo na educação.

Podemos concluir que o cinema é poderosa mídia que pode estar a serviço da resistência às lógicas dominantes produtoras de desigualdades e violências: “ver filmes é uma prática social tão importante, do ponto de vista da formação cultural e educacional das pessoas, quanto à leitura de obras literárias, filosofia, sociológicas e tantas mais” (DUARTE, 2002, p.17). Há que se ampliar a visão do cinema como ferramenta didático-pedagógica para concebê-lo como forma de arte, de criação, de devir, de possibilidade de desacomodar o pensamento, de questionar certezas naturalizadas e inventar outras possibilidades de pensar a educação, a vida, o mundo e a nós mesmos. Ismail Xavier (2008) afirma que “um cinema que ‘educa’ é um cinema que (nos) faz pensar” e Deleuze (1990) que “o cinema possui apenas um personagem: o pensamento”. O que nos cabe? Colocar o corpo-pensamento discente-docente em movimento rumo ao engendramento de uma educação outra, de uma educação menor, que funcione como máquinas de guerra contra o instituído, que aposte no múltiplo, no heterogêneo, no ainda não pensado, nas vozes ainda silenciadas que não têm permissão para falar, mas que falam a partir dos filmes apresentados.

Propõe-se aqui pensar uma educação capaz de multiplicar devires, devires-infernais que criam e somam heterogeneidades, levam e elevam o pensamento aos infinitos. Pensar infernalmente é não se contentar com conceitos e passar a fabricá-los (CORAZZA, 2002). O pensamento educacional a partir do inferno é reduzido a cacos vibratórios. Cacos estes que transfiguram “músicas, escrituras, ciências, artes, figuras, com seus encontros e interferências de trabalho, como focos de criação” (CORAZZA,

2002, p. 44) que compõem mosaicos. Os artistas, fazedores de mosaicos, alcunhamos de infernais (CORAZZA, 2002). A educação aqui é tomada de devires-simulacros, compostos por processos transversais de artistagens vivenciados por meio de uma educação-artista, os quais permeiam distintas subjetividades e transportam de devir-a-devir. O “devir-simulacro é o próprio processo do desejo de educar” (CORAZZA, 2013, p. 26). Assim, através das singularidades e experimentações nas artistagens inventivas do/a próprio/a educador/a/e é que acontece a (arte)educação (CORAZZA, 2013). Dentre elas, pelo cinema.

Precisamos, ainda, então pensar na partilha do sensível, pois todos(as) têm direito a tomar parte nas artes, sendo o cinema um dos “regimes específicos do sensível” (RANCIÈRE, 2009, p. 32), *loghos-pathos*, potência heterogênea que detém a força para tornar o sensível estranho a si, aquele que identifica a arte no singular (RANCIÈRE, 2009). E desloca, provoca, afecta. Daí o poder das artes — e dentre elas, o cinema — em afetar os corpos/desejos/pensamentos (FUGANTI, 2021) na sensibilização contra as violações de direitos que temos vivenciado e assistido. Ao que buscamos contribuir com este trabalho.

Referências

¹A *ÁRVORE DOS TAMANCOS*, Ano 1978, Direção: Ermanno Olmi, Roteiro: Ermanno Olmi, Elenco: Luigi Ornaghi, Francesca Moriggi, Omar Brignoli. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hTWhPfUmn1k>. Acesso em: 29 nov. 2021.

²³A *FORMA DA ÁGUA*, Ano 2018, Direção: Guillermo del Toro, Roteiro Guillermo del Toro, Vanessa Taylor, Elenco: Sally Hawkins, Michael Shannon, Richard Jenkins. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IJ7zCBMYmCg>. Acesso em: 29 nov. 2021.

¹⁸A *FLOR DE MEU SEGREDO*, Ano 1995, Direção: Pedro Almodóvar, Roteiro: Pedro Almodóvar, Elenco: Marisa Paredes, Juan Echanove, Carme Elias. Disponível em: <https://vimeo.com/58775030>. Acesso em: 29 nov. 2021.

¹⁹A *PELE QUE HABITO*, Ano 2011, Direção: Pedro Almodóvar, Roteiro: Pedro Almodóvar, Elenco: Antônio Banderas, Elena Anaya, Marisa Paredes. Disponível em: <https://www.filmesdetv.com/la-piel-que-habito.html>. Acesso em: 29 nov. 2021.

⁴A *ALEXANDRE*, Ano 2004, Direção: Oliver Stone, Roteiro: Oliver Stone, Christopher Kyle, Elenco: Colin Farrell, Angelina Jolie, Val Kilmer. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-51115/>. Acesso em: 29 nov. 2021.

¹⁶ *ATA-ME*, Ano 1990, Diretor: Pedro Almodóvar, Roteiro: Pedro Almodóvar, Elenco: Victoria Abril, Antônio Banderas, Loles León. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-81846/>. Acesso em: 29 nov. 2021.

ARAÚJO, Inácio. Prefácio. In: COSTA, Antônio. *Compreender o Cinema*. Rio de Janeiro: Globo, 1987.

¹⁰ *AS SUFRAGISTAS*, Ano 2015, Direção: Sarah Gavron, Roteiro: Abi Morgan, Elenco: Carey Mulligan, Helena Bonham Carter, Meryl Streep. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-222967/>. Acesso em: 29 nov. 2021.

²⁴ *BLADE RUNNER 2049*, Ano 2017, Direção: Denis Villeneuve, Roteiro: Michael Green, Hampton Fancher, Elenco: Ryan Gosling, Harrison Ford, Ana de Armas. Disponível em: <https://www.filmelir.com/br/film/2574/blade-runner-2049>. Acesso em: 29 nov. 2021.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. São Paulo: Brasiliense, 2013.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/SEB, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf. Acesso em: 06 fev. 2018.

_____. *Educação em Direitos Humanos*: Diretrizes Nacionais. Brasília: Coordenação Geral de Educação em SDH/PR, Direitos Humanos, 2013.

_____. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Brasília: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 1996. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2021.

_____. *Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014*. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Disponível em: <http://pne.mec.gov.br/18-planos-subnacionais-de-educacao/543-plano-nacional-de-educacao-lei-n-13-005-2014>. Acesso em: 10 mai. 2021.

_____. *Lei 10.639/2003*. Altera a Lei 9394/1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”. Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/>. Acesso em: 13 dez. 2020.

_____. *Lei 11.645/2008*. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm. Acesso em: 13 dez. 2020.

_____. *Lei 12.288, de 20 de julho de 2010*. Institui o Estatuto da Igualdade Racial e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112288.htm. Acesso em: 14 jun. 2021.

_____. *Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH-3)*. Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República. Brasília: SEDH/PR, 2009.

CANDAU, Vera M. *Educação em Direitos Humanos e democracia*. In: CANDAU, V. M.; SACAVINO, S. (Orgs.). *Educar em Direitos Humanos. Construir democracia*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

¹⁴*CAPITÃO FANTÁSTICO*, Ano 2016, Direção: Matt Ross, Roteiro: Matt Ross, Elenco: Viggo Mortensen, Frank Langella, George MacKay. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-227320/>. Acesso em: 29 nov. 2021.

CARMO, Leonardo. O cinema do feitiço contra o feiticeiro. *Revista Iberoamericana de educación*, 2003. Disponível em: rieoei.org. Acesso em: 10 mai. 2023.

CERQUEIRA, Daniel. et al. *Atlas da Violência 2021*. São Paulo: FBSP, 2021.

COLI, Jorge. *O que é arte*. 15 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

CORAZZA, Sandra Mara. *Para uma filosofia do inferno na educação: Nietzsche, Deleuze e outros malditos afins*. Belo horizonte: Autêntica, 2002.

_____. *O que se transcria em educação*. Porto Alegre: UFRGS; DOISA, 2013.

DELEUZE, Gilles. *A imagem-tempo*. Trad. Eloísa de Araújo Vieira. São Paulo: Brasiliense, 1990.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. *O que é a filosofia?* Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DUARTE, Rosália. *Cinema e educação: refletindo sobre cinema e educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FONSECA, João José S. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002. Disponível em: <http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2012-1/1SF/Sandra/apostilaMetodologia.pdf>. Acesso em: 09 mai. 2015.

FORUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (FBSP). 2023. Disponível em <https://forumseguranca.org.br/anuario-brasileiro-seguranca-publica/>. Acesso em: 04. Ago. 2023.

FREITAS, Alexander de; COUTINHO, Karyne Dias. *Cinema e educação: o que pode o cinema?* Educação e Filosofia, Uberlândia, v. 27, n. 54, p. 477-502, jul./dez. 2013.

⁹*FREUD, ALÉM DA ALMA*, Ano 1962, Direção: John Huston, Elenco: Montgomery Clift, Susannah York, Larry Parks. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-520/>. Acesso em: 29 nov. 2021.

FUGANTI, Luiz. *Saúde, desejo e pensamento: as origens da filosofia nômade*. 3ª ed. São Paulo: Mojo, 2021.

GIL, Antônio C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 1994.

²*GUERRA DO FOGO*, Ano 1981, Direção: Jean-Jacques Annaud, Roteiro: Gérard Brach, Elenco: Everett McGill, Ron Perlman, Nicholas Kadi. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EZoj1fVslkE>. Acesso em: 29 nov. 2021.

⁷*HISTÓRIAS CRUZADAS*, Ano 2011, Direção: Tate Taylor, Roteiro: Tate Taylor, Elenco: Emma Stone, Jessica Chastain, Viola Davis. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-176673/>. Acesso em: 29 nov. 2021.

IPEA. Instituto Econômico de Pesquisa Aplicada. Fórum Brasileiro de Segurança Pública (Orgs.). *Atlas da Violência 2019*. Brasília, Rio de Janeiro, São Paulo: IPEA/FBSP, 2019. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/9144>. Acesso em: 25 abr. 2023.

LANZA, Renata. *Conjunções entre escola e cinema: pesquisa-intervenção em duas escolas da Rede Municipal de Ensino de Campinas*. 2015. 129 p. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2015. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/950927>. Acesso em: 29 nov. 2021.

⁸*LARANJA MECÂNICA*, Ano 1971, Direção: Stanley Kubrick, Roteiro: Stanley Kubrick, Elenco: Malcolm McDowell, Patrick Magee, Michael Bates. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-260/>. Acesso em: 29 nov. 2021.

²¹*LOU ANDREAS-SALOMÉ*, Ano 2016, Direção: Raoul Peck, Roteiro: Raoul Peck, Pascal Bonitzer, Elenco: August Diehl, Stefan Konarske, Vicky Krieps. Disponível em: <https://www.filmesdetv.com/lou-andreas-salome-the-audacity-to-be-free.htm>. Acesso em: 29 nov. 2021.

LOURO, Guacira Lopes. O cinema como pedagogia. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.). *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. *Flor de açafraão: Takes Cuts Close-ups*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

¹⁷*MÁ EDUCAÇÃO*, Ano 2004, Diretor: Pedro Almodóvar, Roteiro: Pedro Almodóvar. Disponível em: <https://assistirfilmesonlinehd.me/filmes/ma-educacao-online-dublado-e-legendado/>. Acesso em: 29 nov. 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2000.

¹¹*MIL VEZES BOA NOITE*, Ano 2013, Direção: Sarah Gavron, Roteiro: Abi Morgan, Elenco: Carey Mulligan, Helena Bonham Carter, Meryl Streep. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-222967/>. Acesso em: 29 nov. 2021.

²⁷ *MOANA*, Ano 2016, Direção: John Musker, Ron Clements, Roteiro: Jared Bush, Ron Clements, Elenco: Auli'i Cravalho, Dwayne Johnson, Alan Tudyk. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-225958/>. Acesso em: 29 nov. 2021.

AUTORA et al. *Currículos como máquinas de subjetivação: uma análise documental dos discursos e práticas de Educação em Direitos Humanos na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul*. In: Anais do IX SIEPEX, 9, 2019, Porto Alegre. Anais [...], Porto Alegre: UERGS, 2019.

NARVAZ, Martha. *Cinedebate Uergs*. Programa de Extensão. Alegrete, Uergs, 2014.

NARVAZ, Martha. Quem tem medo dos Direitos Humanos? In: Ana Carolina Martins da Silva, Thaís Janaina Wenczenovicz (Orgs.). *Direitos Humanos, educação e políticas públicas*. Joaçaba: Editora Unoesc, 2021, p. 213-235.

²⁰ *O JOVEM KARL MARX*, Ano 2016, Direção: Raoul Peck, Roteiro: Raoul Peck, Pascal Bonitzer, Elenco: August Diehl, Stefan Konarske, Vicky Krieps. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2M5vo2n6G7Y>. Acesso em: 29 nov. 2021.

⁵ *O NOME DA ROSA*, Ano 1986, Direção: Jean-Jacques Annaud, Roteiro: Andrew Birkin, Gérard Brach, Elenco: Sean Connery, Christian Slater, Elya Baskin. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-2402/>. Acesso em: 29 nov. 2021.

²² *O SAL DA TERRA*, Ano 2008, Direção: Wim Wenders, Juliano Ribeiro Salgado, Roteiro: Wim Wenders, Juliano Ribeiro Salgado, Elenco: Sebastião Salgado, Wim Wenders, Juliano Ribeiro Salgado. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QLwwfb1iKno>. Acesso em: 29 nov. 2021.

²⁸ *O TOURO FERDINANDO*, Ano 2017, Direção: Carlos Saldanha, Roteiro: Tim Federle, Brad Copeland, Elenco: John Cena, Kate McKinnon, David Tennant. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-190653/>. Acesso em: 29 nov. 2021.

²⁵ *PANTERA NEGRA*, Ano 2017, Direção: Ryan Coogler, Roteiro: Joe Robert Cole, Ryan Coogler, Elenco: Chadwick Boseman, Michael B. Jordan, Lupita Nyong'o. Disponível em: <https://seriesflixtv.org/filmes/assistir-pantera-negra-online-htr001>. Acesso em: 29 nov. 2021.

PEREIRA, Ana Lúcia. G. *Cinedebate Uergs: O que pode o cinema na educação em Direitos Humanos? Monografia. (Graduação). Curso de Pedagogia. Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. Alegrete, 2021. Disponível em: <https://repositorio.uergs.edu.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/2754>. Acesso em: 04. Ago. 2023.*

PIOVESAN, Flávia. Direitos Humanos: desafios e perspectivas contemporâneas. *Revista do Tribunal Superior do Trabalho*, Brasília, v. 75, n. 1, p. 107-113, jan./mar 2009.

PRADO, Lucia Fernanda da Silva. Cinema como proposta educativa. In: *Anais do IV Encontro de Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas*, 2019. Disponível em:

<https://www.sociologiaemos.pro.br/wp-content/uploads/2019/03/CINEMA-COMO-PROPOSTA-EDUCATIVA.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2021

²⁶ *PRECISAMOS FALAR SOBRE KEVIN*, Ano 2017, Direção: Lynne Ramsay, Roteiro: Lynne Ramsay, Elenco: Tilda Swinton, John C. Reilly, Ezra Miller. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AobXqfD0Q8>. Acesso em: 29 nov. 2021.

⁶ *PRECIOSA*, Ano 2009, Direção: Lee Daniels, Roteiro: Geoffrey Fletcher, Elenco: Gabourey Sidibe, Mo'Nique, Paula Patton. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-132242/>. Acesso em: 29 nov. 2021.

¹³ *QUE HORAS ELA VOLTA*, Ano 2015, Direção: Anna Muylaert, Roteiro: Anna Muylaert, Elenco: Regina Casé, Camila Márdila, Michel Joelsas. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-231230/>. Acesso em: 29 nov. 2021.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: Ed. 34, 2005.

RIO GRANDE DO SUL. *Lei 14.705, de 25 de junho de 2015*. Institui o Plano Estadual de Educação – PEE. Diário Oficial da União, Rio Grande do Sul, 2015. Disponível em: <https://www.al.rs.gov.br/filerepository/repLegis/arquivos/LEI%2014.705.pdf>. Acesso em: 08 jul. 2020.

SANCEVERINO, Adriana Regina. *Mediação pedagógica na educação de jovens e adultos: exigência existencial e política do diálogo como fundamento da prática*. Revista Brasileira de Educação, Erechim, v. 21, n. 65, abr./jun. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v21n65/1413-2478-rbedu-21-65-0455.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2021.

SAVIANI, Dermeval. Educação, cidadania e transição democrática. In: COUVRE, Maria de Lourdes (org.). *Cidadania que não temos*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

SILVA, Deleon Souto Freitas da. *O uso do cinema na escola: a construção de aprendizagens a partir de filmes*. 2019. 45 p. Monografia de graduação (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal da Paraíba, Patos, PB, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/15149/1/DSFS16072019.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2021.

³ *TRÓIA*, Ano 2004, Direção: Wolfgang Petersen, Roteiro: David Benioff, Elenco: Brad Pitt, Eric Bana, Orlando Bloom. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-47357/>. Acesso em: 29 nov. 2021.

¹⁵ *TUDO SOBRE MINHA MÃE*, Ano 1999, Diretor: Pedro Almodóvar, Roteiro: Pedro Almodóvar. Disponível em: <https://www.filmelir.com/br/film/14294/>. Acesso em: 29 nov. 2021.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL. Projeto Pedagógico de Curso de Graduação em Pedagogia: Licenciatura - PPC. Porto Alegre: Uergs, 2021. Disponível em <https://uergs.edu.br/upload/arquivos/202302/03150357-ppc-pedagogia-2021-final-28-11-2022.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2023.

¹² *UMA BOA MENTIRA*, Ano 2014, Direção: Philippe Falardeau, Roteiro: Margaret Nagle, Elenco: Reese Witherspoon, Arnold Oceng, Ger Duany. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-218982/>. Acesso em: 29 nov. 2021.

XAVIER, Ismail. Um cinema que “educa” é um cinema que (nos) faz pensar: entrevista com Ismail Xavier. *Educação & Realidade* (Dossiê Cinema e Educação), Porto Alegre, v. 33, n. 1, p.13-20, jan./jun. 2008.

Apêndice

Este questionário tem como objetivo coletar dados para pesquisa intitulada *O que pode o cinema na Educação em Direitos Humanos?* As suas respostas apenas serão utilizadas para o estudo em questão, que tem por objetivo analisar a contribuição do cinema para a educação e avaliar o Programa de Extensão Cinedebate Uergs. Sua participação é voluntária e será garantido o anonimato das respostas. Você receberá também por email o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido acerca da sua participação na pesquisa caso aceite participar.

Questões:

- 1 Você participou das ações de extensão do programa Cinedebate Uergs?
- 2 Você gostaria de destacar algum dos filmes que assistiu? Qual? Por quê?
- 3 Qual sua avaliação sobre o programa de Extensão Cinedebate Uergs?
- 4 O que pode o cinema na Educação em Direitos Humanos?

Recebido em maio de 2023.
Aprovado em agosto de 2023.